



RABECA

Periodico Caricato. Satyrico, e Popular

ESSCRIPTORIO RUA DA ALFANDEGA N. 89, 2.º ANDAR

Propriedade de M. Ferreira & Rocha.



Venho contente saudar-vos
Quasi vos dizendo: — Eureka!
Pois foi um achado insigne
Esta famosa Rabeca.

Imitando a Paganini
Ora serás doce e terno
Outras vezes feito Orphão
Irei às portas do Inferno,

A s vezes um do do peito
Buscarei corda que exprima;
E a bordão, levarei tudo
Quando arrebentar a prima.

Sou amador, gaiato,
Mas não me chamem de tollo
Quando não tomo as navalhas,
E levo tudo a rebollo.

A RABECA

Rio, 8 de Outubro de 1870.

ESTRÉA :

Em regra, todo o periodico tem um programma, e por esse motivo não seremos nós o primeiro a crear-lhe uma excepção ; apresentaremos tambem o nosso.

A' primeira vista parece que o nosso periodico é musical, e por isso desde já nos antecipamos em declarar aos nossos queridos leitores e respeitaveis leitoras que apenas o que sabemos de musica é assobiar alguns pedaços da de *Offenbach*. *Rabeca* é uma palavra homonyma que ora significa um instrumento de musica, e ora um outro de critica: o nosso é o segundo.

A significação que viemos de dar não anda pelos diccionarios, sendo ainda esta a causa da nossa explicação ; é mais um barbarismo na linguagem portugueza, porém que, como todos tem o seu historico ; o deste ahi vai :

Quando ainda o Rio de Janeiro estava a edificar seus muros as casas então de mais voga erão as boticas e as dos barbeiros ; nas primeiras jogava-se o gamão, como dizia o chistoso Nicolão Tolentino :

« *Em escura botica encan'oidos*, »

fallava-se em medicina, raras vezes, e pregavão-se *petas* pelo que ainda hoje disemos: Que *pilula*. Nas segundas preparavão-se as suissas, a cabelleira á Bouridan, com a secular estrada da liberdade, e tocava-se *rabeca* com *recitativos* de critica.

Encontravão-se dois *leões* :

- *Vaes á botica ?*
- *Não, vou ao barbeiro.*
- *Temos hoje lá rabeca ?*

O que vai aqui em *grypho*, lá ia em sorriso malicioso ; porque da verdadeira *rabeca* não se tratava então, por quanto barbeiro sem *rabeca*, era o mesmo que boticario sem gamão.

Assim forão os rapazes transformando uma cousa em outra por tal modo que ficou — uma por outra, e hoje quando se diz: Que *rabeca* ! é o mesmo que se dizer: Que critica !

O nosso periodico por tanto é critico, mas tem pretenções a judicioso. Foi por isto que estivemos para lhe dar o nome de *harpa*, e mais por duas razões : já porque a *harpa* vai substituindo a *rabeca* como instrumento popular, e tambem por ter sido *La Harpe* um precioso critico.

Ahi vae por isso a *Rabeca* dedilhada pelas unhas do nosso *Figaro*, que apresenta-se ante o respeitavel publico tal qual como é, *sans façons*.

Não é para barbear, cortar cabellos ou rapal-os, e applicar ventosas e sanguesugas, que elle vem ao respeitavel publico, não ; e Deos permitta que não haja occasião em que tenha de lançar mão de suas navalhas *et reliqua* : o seu fim é convidal-o para as suas serenatas e

concertos, se por ahi apparecer alguma frauta, ou gaita afinada que o queirão acompanhar. Entretanto se lhe derem tamanha importancia que de instante deixem o *Bonneau*, e queirão se utilizar do seu insignificante prestimo ahi estão o *rebollo*, a *bacia*, já tão afamada como casquete de *Gil Braz*; o *sabonete*; uma boa thesoura e *tutti quanti* para o que fôr de mister.

Eis finalmente affixado o nosso cartaz, veremos se para o diante cumpliremos o nosso *desideratum*; por nossa parte envidaremos forças, e esperamos que o respeitavel publico com a sua animação plena, e sua illustração nos auxilie, como soe fazer em cacos taes.

Esperamos deitar a barra muito longe,

« e o tentar é nobre : »

como diz *Filyntho*.

« *Si a tanto me ajudar engenho e arte.* »

como diz *Camões*.

M.

RABECADAS.

A politica mudou-se, ninguem sabe para onde.

Notem os meus politicos leitores que nós não somos politicos, nem nos temem por impoliticos ; entretanto como esta desordem está na ordem do dia, devemos expender a nossa opinião particular perante a opinião publica. Sempre tivemos esperança — naquelles que sobem, — até mesmo porque, como disse o nosso Marquez de Maricá : — Em politica e religião não ha fé sem esperança. Fé de mais é que não temos.

E' o segundo ministerio que sahe das mãos de S. Miguel, e, em abono da justiça, a balança ainda conserva fiel o fiel.

Um compadre nosso que todas as vezes que vem á corte barbêa-se cá na casa, pergunta-nos se os franceses entrão em Curupaiti. Não sei se o epigramma era serio ou será serio.

O que podemos afirmar é que os porcos não se mudão, e que vão ter uma *subvenção* pelos benefícios suínos que fazem a esta capital.

Agora, com uma *rabecada* doce e terna damos um adeos saudoso ao Furtado Coelho : é um dô do peito lugubre e plangente. Praza a Deos que elle volte em breve, pois que o Germano só não basta para a messe de louros que tinhão a cegar.

A *Phenix* revive ; o *Goodison* brilha ; o *Lyr* o electriza : estamos no seculo das luzes.

Iamos nos esquecendo do Vale ; porém felizmente este esquecimento só se prova por um absurdo. Comtudo ainda chega o espaço para um vale : e como jogar a um vale o Valle que tanto valle.

Sr. compositor erga-o bem alto, pois só assim elle nos passaria por alto. E faça alto.

M.

FABULA

EM REFUTAÇÃO A' LA FONTAINE:

A formiga e a cigarra.

Era no mez de Dezembro,
Entre vesp'ras do Natal,
Trabalhavão as formigas

N'um grande mandiocal ;
E a cigarra alli cantava
Nas sombras do laranjal.

A cigarra lá, de cima,
Qual rainha da canção,
A' voz suave e stentorica
Dava carmes e expansão,
Cantando nessa linguagem
Que nos falla ao coração.

Uma formiga que perto
Já carregada passava,
E que de sol abrazada
Grossas lagrimas suava,
Parou perto da cantora
Que n'um preludio trinava.

Largou a pesada carga,
Levantou a catadura,
Com gestos de regateira
Levou as mãos à cintura,
E começou deste modo
Raivosa descompostura :

— Boa vida, primadona ;
Quer a festa assim passar ?
Eu cá nas lidas suando,
E a senhora a bom cantar !
Já 'stá co'a fortuna feita,
Não pretende trabalhar ?

A senhora empoleirada,
Ao brando sopro do vento,
Berra ahi noites e dias
Sem se-lhe-dar do sustento ;
E nem ao menos se vexa
De nos ver em movimento.

Eu, enfim para a velhice,
Vou ajuntando o bocado ;
Tenho filhos e familia
Tenho no que ter cuidado ;
E até com risco de vida
Ganharei o pão suado.

Mas bem sei quem tem a culpa
De haver tamanho desvio,
De existir por este mundo
Tanto mal, tanto vadio ;
Melhore a nossa policia
E a cantar a desafio.

A cigarra aborrecida
Deste sermão tão ruim,
A dar a resposta em termos
Ficou resolvida alfinetar,
E com voz aguda e gaga
Principiou logo assim :

— Um folles que te persiga
Uzuraria, magra e feia !
Ferra ao pé do caminheiro,
Que de ti não se arreceia ;
E esconde bem o teu roubo
Na triste seara alheia.

Não blasphemem, Deos bem sabe,
Qual é o destino meu :
Vive em teu subterraneo,
Que eu vivo perto do Céo :
Nascemos para contraste,
Cada qual p'ra o que nasceo.

M.

Pingentes

Um jornal não dá *jornal*.

Um *talento* reduz-se a *bagatellas*.

— Foi por causa de uma *bomba* que pegou fogo na casa de João.

— E eu ouvi ao contrario dizer que se não fosse uma *bomba* ardia-lhe tudo.

— Com mil *bombas* !

— Que moça interessante é V. Ex.

— Que moço interesseiro é V. S.

Gallo :— certo peixe que tem pennas, come-se com a testa, e de que os prussianos muito gostão.

— O senhor capitão não quer esta corvina de linha ?

— Prefiro uma da guarda nacional.

Ahi vai um exemplo de asphereze :

— *Calhão* com batatas a tres.

— Que politica tu segues ?

— A que minha māi me ensinou.

— Já sabes que F. quebrou ? Coitado, fez esforços a mais não.

— E' a segunda vez que *quebra* ; mas da outra foi por falta de esforços.

O politico é uma similhança de lua que tem cara para tudo e para todos.

— A constituição no artigo 179...

— Papai, a constituição tem o artigo o e a ?

— Aquella moça tem duzentos mil réis por mez para seus alfinetes.

— Que boa mulher para um armador.

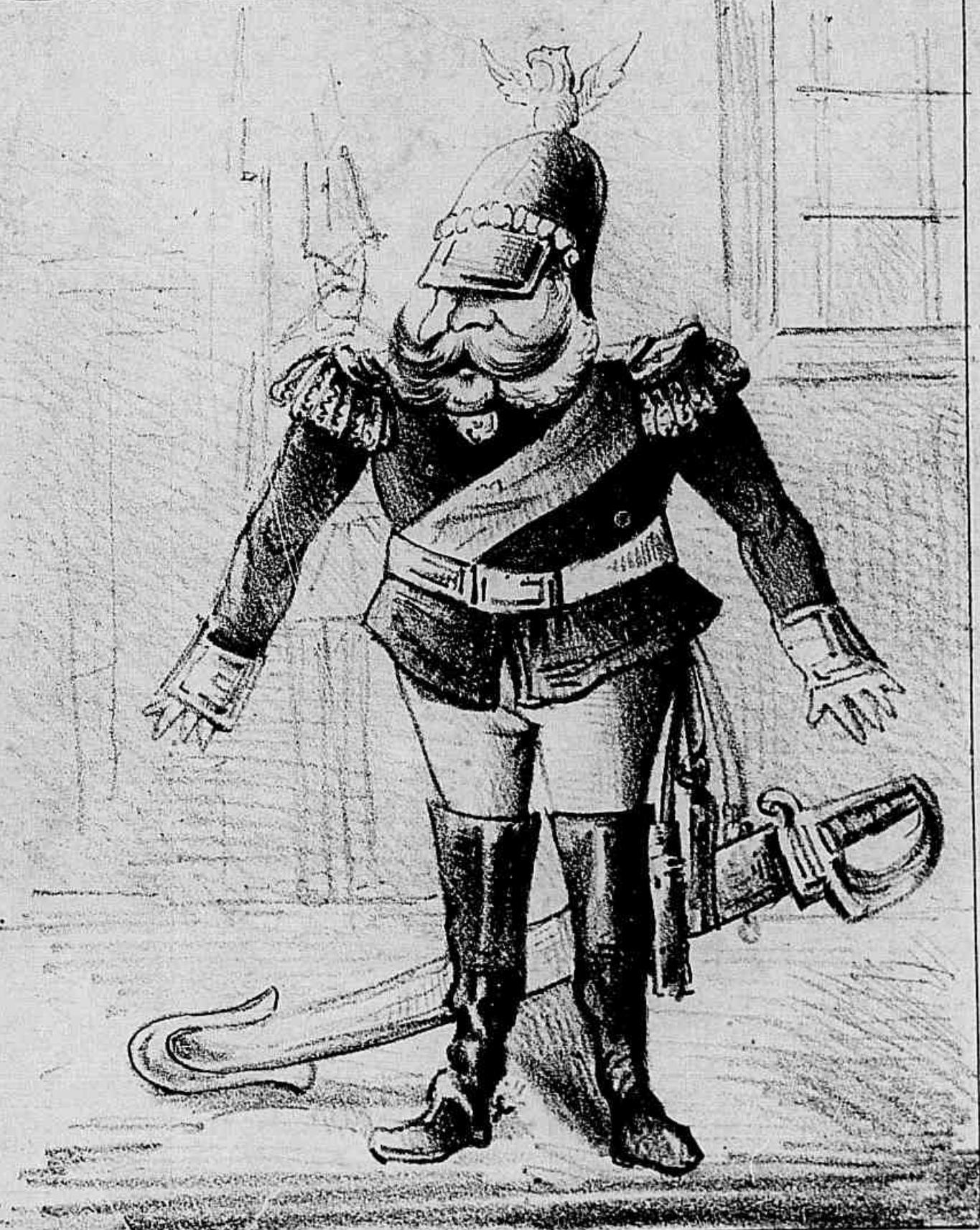
M.



—Prepare-se Padre mestre, que lá vae obra!
—Deixem-se de brincadeiras! Olhem que eu solto o cão de filla!
—O cão de filla... já está fillado.



—Ora aqui está no que dão os governos pessoas! fui eu quem pagou o pato... mas juro que não caio n'outra.



—Que diabo heide eu fazer do meu prisioneiro?... Estou quasi perdendo um conselho ao Juarez.